

ARTES PLASTICAS

Willys de Castro e Hercules Barsotti

BOM é que as obras de Willys de Castro e Hercules Barsotti estejam expostas pela terceira vez. Pois quem as estranhou na VI Bienal e as foi reestudar em Ipanema, na matriz da Petite Galerie, tem mais um ensejo de familiarizar-se com elas agora, aqui em São Paulo, outra vez, na sucursal da mesma galeria, à avenida Paulista.

Willys de Castro e Hercules Barsotti: dois artistas plásticos de vanguarda, no mais alto sentido de realização, e a cujo respeito a nossa crítica precisa ajustar a alça de mira e os angulos de análise, antes que um perito estrangeiro internacionalize a fama por enquanto em potencial desses dois valores excepcionais.

Dois artistas de alta consciência estética. Não consideram a pintura rotina vocacional em apuro virtuosístico, mas uma energia imanente cujas expressões múltiplas dependem menos do estado de graça bremondiano do que da responsabilidade da pesquisa onívota, visto estar a arte integrada na cultura e não no milagre.

Para compreendermos Hercules Barsotti e Willys de Castro, cada qual em sua tarefa específica, não precisamos subordiná-los a equipes de laboratório, bastando agregá-los cronologicamente a pioneiros ainda recentes. Hercules Barsotti, a Delaunay, Sophie Taeuber-Arp e, sobretudo, a Mondrian. Willys de Castro, a Josef Albers, Thomás, Maldonado e Kenneth Martin.

Há em Hercules Barsotti a sedimentação estatística das heranças clássicas investidas em tarefas de renovação; aplicou-as à pintura de agora, como Pond as aplicou à poesia moderna. A sua arte inserida em losangos é uma entidade cromático-geométrica no plano e no espaço, que ele a ambos divide segundo o princípio da menor ação e do equilíbrio cristalino, obtendo simetrias homopéticas. Sua arma individual para a decomposição harmonica dos retângulos é a diagonal. Para o leigo, porém, talvez sobressaia apenas o efeito da pintura de superfície, como que a afundar ou a soerguer-se do suporte, quase se destacando, ora querendo aconcar-se, ora dando ilusão convexa; mero efeito, enfim, de trompe-oeil. A verdade é que Hercules Barsotti liberta a pintura do quadro, purifica-lhe os elementos, exclui os acasos, organiza o espaço antero-posterior e latero-lateral, bem como os intertítulos e as abas, pondo-a em estado lento de levitação, salvando-a da enchente cromática dos plasmas e desobstruindo-a dos aterros dos magmas materiais.

Diante das unidades de Willys de Castro, que ele chama de «objetos ativos», temos que orientar o observador citando-lhe como analogias de assedio trabalhos de arte não semelhantes aos do artista de São Paulo, porém que precederam os seus nessa busca de repleção e esvaziamento do espaço. Por exemplo: os elementos em relevo de Bern Luginbuehl, o quadro reduzido a uma síntese vertical deidrico de Eugen Haefelfinger; as aparas cinéticas de Kenneth Martin; as placas murais metálicas de Harald Kirchner.

Como continente e conteúdo, cada trabalho de Willys de Castro é um ensaio plástico de madeira que, aderida ao plano, contudo se extroverte para o espaço; não tem expressão precária de esquema geométrico, é mesmo objeto essencial de arte, jóia de celulose com elípticos de cores e cambiantes tonais.

Os dois repertórios acham-se dispostos na Petite Galerie não em molduras ou em peanhas, e sim como que em retabulos da mais alta categoria de «cimaise» pensil, ou em almofadas estereoscópicas. Tal dispositivo de inercia e de expansibilidade infunde aos dois conjuntos tão divergentes — um de superfície volátil, outro de anáglifo centripeto, — um sentido homogêneo de apoteose ascética. — JOSÉ GERALDO VIEIRA

Sementes, mariscos e folhas nas colagens de T. D'Amico

JÁ foi escultora. Agora aprimora-se mais no desenho, assim como em colagens e montagens. Estudou com Zadkine e figurou em todas as Bienais de São Paulo. Sua última exposição individual data de 4 anos, no Museu de Arte Moderna paulista.

Aí está em poucas linhas o retrato de Teresa D'Amico, que reaparecerá em São Paulo na terça-feira, dia 27, quando inaugurará a sua mostra na Casa do Artista Plástico.

Os temas dos seus trabalhos giram muitas vezes em torno da magia, fruto de suas andanças pela Bahia em 1957. A artista já realizou uma exposição em Nova York (1943), quando viajou para os EUA «por um impulso da juventude». Aliás, ficou ali de 1941 a 1947. Nessa ocasião frequentou o ateliê de Zadkine. Retornando ao Brasil, fez esculturas até 1957, e daí para cá atem-se exclusivamente ao desenho e às colagens. Nestas últimas emprega sementes, mariscos, folhas, conchas e outros materiais que lhe possibilitem criar formas «ideais».

DECEPÇÃO — Por causa do «total desinteresse daqueles que deveriam prestigiar a iniciativa», Franco Marrama desistiu do «desfile de quadros» no Fasano, dia 29. Entretanto, as obras serão expostas naquele mesmo dia, às 17 horas, na Galeria Cromoi (rua 7 de Abril, 125, 2.º andar).

PARANÁ — Até dia 3 de dezembro há prazo para entrega de trabalhos (na sucursal do «Jornal do Brasil», nesta capital, na rua Barão de Itapetininga, 151, 2.º andar) destinados ao Salão do Paraná. Este certame será aberto dia 19 do próximo mês, havendo prêmios acima de 2 milhões; ao melhor artista nacional o prêmio será de 500 mil cruzeiros. Categorias: pintura, escultura, gravura e desenho.

PESCE-INACIO — Abre-se dia 28, às 19 horas, na Galeria Vila Rica, uma exposição de jóias de Pece Rosenblit e pinturas de José Inacio.

PORTINARI — A Editora Cultrix, dentro da coleção «Mestres do Desenho», lançou um album de luxo com obras (15) de Portinari. Cada estampa mede 37 x 54,5, em branco e preto e soltas, o que permite serem enquadradas. Permite a uma tiragem de 1.500 exemplares, a obra é prefaciada por Carlos Drummond de Andrade.

PRECOCE — Um garoto (menos de 10 anos) entrou na



Teresa D'Amico

Petite Galerie e indicou ao pai (que o acompanhava) uma pintura de Willys de Castro. E a obra foi adquirida. Disse o garoto que era para «enriquecer» a sua coleção, que já contava, entre outros, com um Volpi e um Portinari.

ANOTAÇÕES

● NA ACM inaugura-se amanhã, às 20 horas, mostra de pintura em porcelana de Edith Martha Pfister ● CONCORRIDA a abertura da exposição de Carlos Scliar, quinta-feira última na Reitoria da Universidade de Minas Gerais ● A SECRETARIA DA Bienal de São Paulo continua expedindo a varios países dezenas de regulamentos sobre o concurso de cartazes para a VII Bienal ● O GRUPO «MUZSA», da Sociedade Cultural Brasileira Hungara, abriu exposição de seus trabalhos na Casa Hungara (rua Aurora, 964) ● TAMBEM na Escola de Enfermagem, exposição de pintura de Roberto Utlmi, Julio Abe Wakahara, Elcio Martins, Dalton Salem e Carlos E. Lacerda ● AGENOR E SINVAL venderam quase todas as suas esculturas e pinturas que estavam expostas na Feira de Arte.